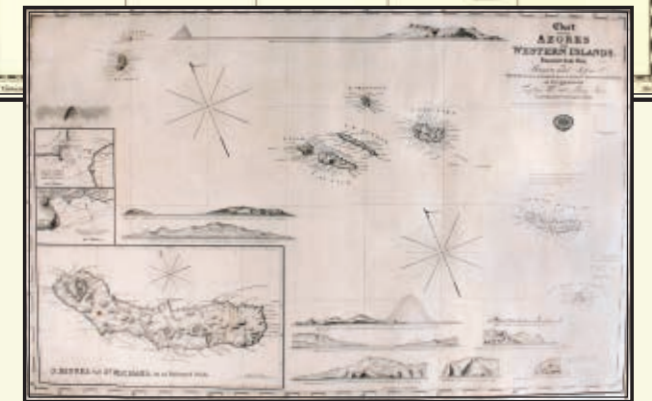
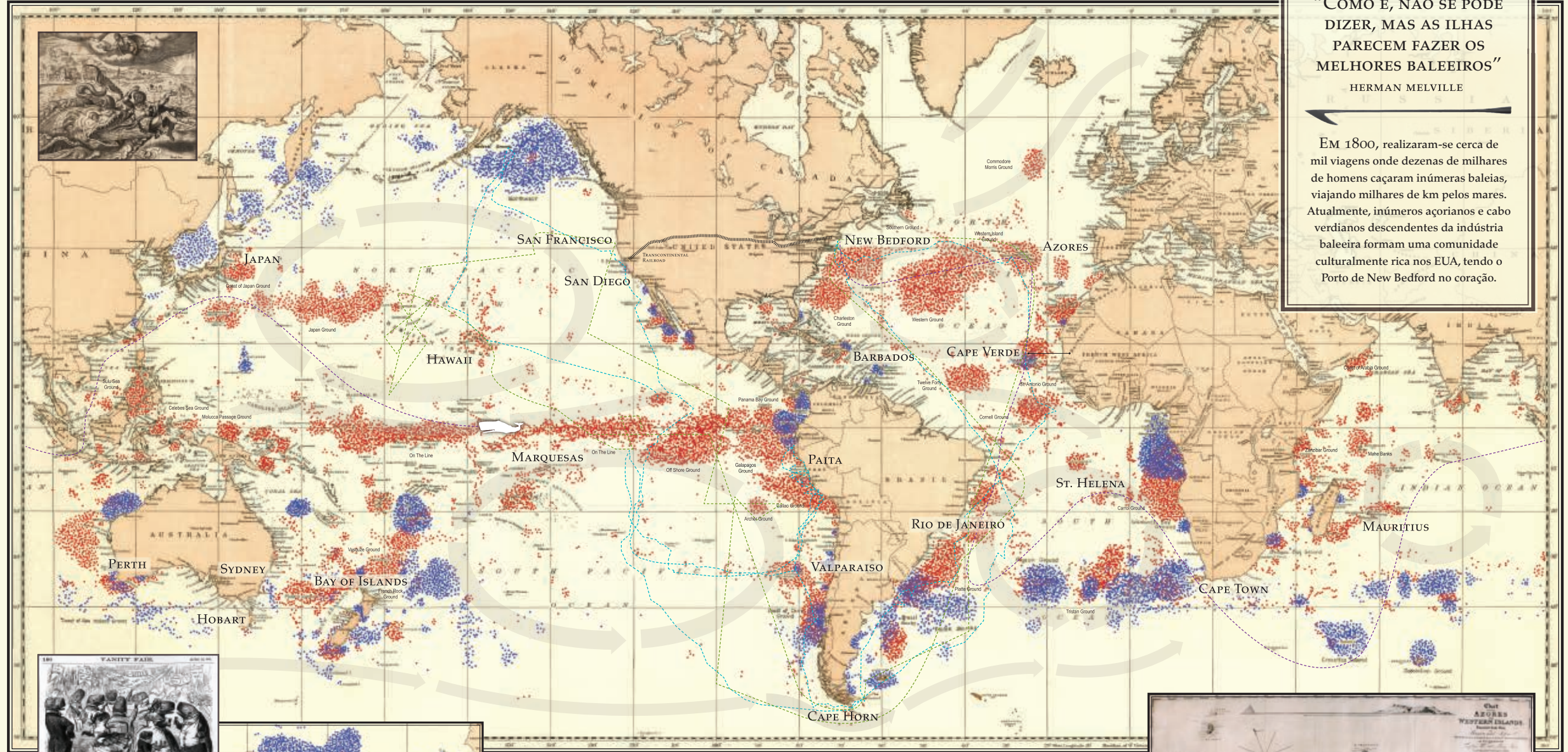




**"COMO É, NÃO SE PODE DIZER, MAS AS ILHAS PARECEM FAZER OS MELHORES BALEEIROS"**  
HERMAN MELVILLE

EM 1800, realizaram-se cerca de mil viagens onde dezenas de milhares de homens caçaram inúmeras baleias, viajando milhares de km pelos mares. Atualmente, inúmeros açorianos e cabo verdianos descendentes da indústria baleeira formam uma comunidade culturalmente rica nos EUA, tendo o Porto de New Bedford no coração.



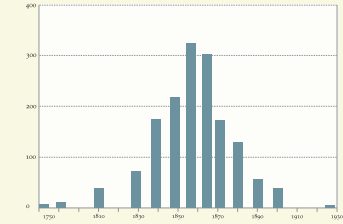
Above: "Chart of the Azores or Western Islands." R. H. Laurie, 1831.

**MAP KEY**

- Each colored dot represents the position of a whaleship on a day when one or more whales were taken. Dots represent catches for the following whales:
- Baleen Whales ● Sperm Whales
- Voyage of LAGODA
- Voyage of Melville's PEQUOD
- Voyage of CHARLES W. MORGAN
- Prevailing Trade Winds

In 1931 zoologist Charles Haskins Townsend used American whaling records to plot where whales were taken in the 19th century. Each dot on his map represents a whale.

**Whaleships Departing New Bedford**







UMA EXPOSIÇÃO DO

# Museu da Baleia de New Bedford

O Museu da Baleia de New Bedford foi fundado em 1903. Este tem como missão educar o público no que respeita à interação dos seres humanos com as baleias a nível mundial ao longo do tempo, apresentando a história, arte e cultura típicas da região.

Com coleções que contam com mais de 750.000 obras de arte, objetos, artefatos e efemeridades, o museu apresenta quatro esqueletos completos de baleias, o maior barco modelo dos EUA e a maior coleção baleeira do mundo.

Os arquivos portugueses e cabo verdianos e a sua centralidade na comunidade luso-americana colocam o museu numa posição privilegiada para contar a interessante história, ainda que subestimada, que destaca a significativa contribuição lusófona para a herança cultural norte-americana.

O Conselho de Curadores e seus Comitês Consultivos portugueses e cabo verdianos, em cooperação com o National Park Service tem levado a cabo iniciativas que procuram contar a história da contribuição lusófona nos EUA.

As seguintes entidades têm levado a cabo igualmente apoiado este projeto: a Embaixada de Portugal e os Consulados Portugueses em New Bedford, São Francisco e Boston; a Embaixada da República de Cabo Verde e o Consulado Cabo Verdiano em Boston; a Universidade de Brown, UC Berkeley, UMASS Dartmouth e a Universidade de Boston, assim como o Portuguese American Leadership Council dos EUA.



Financiado, em parte, pelo Massachusetts Office of Travel & Tourism, pela Fundação William M. Wood e pelo William E. Schrafft & Bertha E. Schrafft Charitable Trust.



**Direita:**  
Lagoda, o maior modelo baleeiro do mundo, no histórico Bourne Building.

**Esquerda:**  
Vista do Museu da Baleia de New Bedford, Praça de Johnny Cake Hill e William Street.



# Baleeiros de Nova Inglaterra!

## Os legados partilhados pelos baleeiros lusos e americanos

Esta exposição celebra a história intercalada da diáspora açoriana, cabo verdiana e brasileira para os EUA, desde a imigração do início do século XVIII até à mais recente vaga de imigração do século XX.

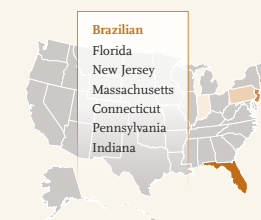
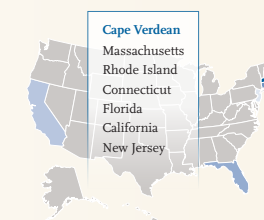
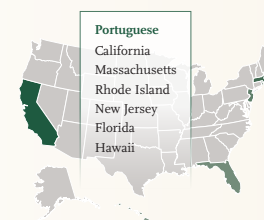
Explore como a diáspora lusófona foi essencial para o desenvolvimento dos Estados Unidos e veja como as diferentes culturas e comunidades, que partilham línguas semelhantes, estão ligadas pelo comércio marítimo bem como por motivações idênticas aquando da sua vinda para os EUA.

Foi em viagens de caça à baleia que os primeiros marinheiros açorianos e cabo-verdianos interagiram uns com os outros, juntando-se muitas vezes a baleeiros americanos. Delimitados por quatro continentes, seja em ilhas isoladas na varredura dos ventos alísios, ou no “toe hold” dos primeiros bancos costeiros do Brasil, o Oceano Atlântico serviu de palco, pois foi nele que uma verdadeira ponte de baleeiros atravessou os mares.

A coleção de artigos portugueses e cabo-verdianos do Museu da Baleia de New Bedford e a sua centralidade na comunidade luso-americana colocam-nos numa posição privilegiada para contar a história subestimada que destaca a importante contribuição lusófona para o património cultural dos EUA.

### Luso-América

Os dados registados nos Censos norte-americanos estimam que 3 milhões de pessoas no país tenham descendência portuguesa, cabo-verdiana ou brasileira. Estas culturas distintas encontram-se intrinsecamente ligadas através da herança histórica, linguística e pela procura de oportunidades oferecidas pela rede marítima internacional criada pelo baleeiro de Nova Inglaterra, tendo sido o porto de New Bedford a principal porta de entrada para o Sonho Americano. O grande corredor Providence - Fall River - New Bedford é o lar da grande comunidade lusófona nos Estados Unidos. A maior parte da população brasileira nos EUA vive na área metropolitana de Boston. Grandes comunidades lusófonas prosperam também no Nordeste, Califórnia, Florida e Nova Jersey.



Os estados encontram-se coloridos a escuro e claro em representação da elevada (escuro) ou reduzida (claro) representação populacional.

### Palavras a reter:

**Baleeiros:** Palavra portuguesa para “whalers”

**Lusophone:** falantes de língua portuguesa

**Fogo:** Português e crioulo para “fire”

**So sabi** significa “so good!”

*Luso* deriva do latim *Lusitanus* da Lusitânia, uma região antiga que corresponde ao Portugal moderno.



**Imagem de fundo:**  
Clifford W. Ashley fotografia de tripulantes no trabalho a bordo do veleiro *Sunbeam* em 1904.

**Imagem inferior esquerda:**  
Baleeiro Clifford W. Ashley's *Whaler e Bumboats em Brava*, uma pintura de 1907 de vendedores de recursos ao lado de um baleeiro ancorado.

**Imagem inferior direita:**  
William H. Tripp fotografia de proprietários, capitão e tripulação na doca de *Wanderer* antes do embarque na última viagem baleeira americana de uma embarcação de velas redondas. O *Wanderer* naufragou numa tempestade na Ilha Cuttyhunk em Agosto de 1924.





# Exploração Portuguesa

## Baleeiros Brasileiros

Entre o mais primitivo dos impérios marítimos europeus, as influências coloniais portuguesas espalharam-se desde o “Novo Mundo” Brasil até Goa no subcontinente indiano e Índias Orientais. Marinheiros portugueses do século XVI exploraram os seus conhecimentos de construção naval para dobrar o Cabo da Boa Esperança, criando esforços para contornar a centenária continental asiática Silk Road.

Evidências sugerem que marinheiros árabes e africanos tenham viajado para Cabo Verde. A cartografia e hidrografia estavam a dar os primeiros passos no século XVII e os ventos, as correntes e as condições meteorológicas sazonais forçavam os marinheiros a seguir os caminhos de menor resistência. Antes da capacidade de determinar a latitude ser descoberta, as rotas comerciais marítimas da Europa seguiam padrões familiares através da costa de África, em vez de arriscarem a navegação fora da costa. As vezes os ventos sopravam sobre a costa do Brasil com destino à Índia. Desta forma as armadas Portuguesa e Indiana começaram a abrir rotas marítimas que séculos mais tarde se tornariam os caminhos para os baleeiros e comerciantes americanos.

Colonos americanos invocavam cartas marítimas compiladas por cartógrafos ingleses que atraíram grande parte do conhecimento geográfico português. Pedro Reinel (1462-1542) e Diego Ribeiro (Década de 1520), por exemplo, foram dois dos primeiros quadros de confiança do Oceano Atlântico a fornecer informações valiosas para outros exploradores europeus. As suas obras ajudaram a inaugurar a época dos Descobrimentos, perto do fim da colonização da América do Norte pelos europeus.



Em 1603, Diego Botelho, governador da colónia portuguesa no Brasil, contratou baleeiros bascos para estabelecer uma indústria baleeira com o objectivo de caçar baleias francas existentes ao longo da costa. Os bascos administraram a pequena pesca até meados do século XVIII, quando os portugueses assumiram o comando, aumentando o seu tamanho, lucro e capacidade. A caça era realizada a partir de estações em terra e os baleeiros processavam a sua captura, transportando o petróleo e osso para o Rio de Janeiro, onde tudo o que não era usado na colónia era exportado para Lisboa e outros lugares.

Durante a Guerra Peninsular (1807-1814), Napoleão Bonaparte (1769-1821) atacou Portugal e mais tarde Espanha, resultando na mudança da corte portuguesa para o Brasil entre 1808 e 1821. Inspirado pelo espírito de independência inflamado pelas revoluções americana e francesa, o Brasil lutou pela independência de Portugal em 1822.

O petróleo estrangeiro foi proibido no Brasil, então a colónia fornecia todas as suas necessidades de iluminação através da pesca da baleia local. A carne de baleia era consumida localmente, mas por volta do século XIX, a pesca da costa portuguesa desabou devido à caça excessiva de espécies costeiras e concorrência europeia e americana de baleeiros pelágicos (de profundidade).

A frota baleeira de New Bedford visitou uma série de portos brasileiros. A ilha de Santa Catarina era um porto atractivo onde os navios poderiam parar para pausas e reparos, evitando deserções. Muitos marinheiros ou juntavam-se a viagens baleeiras ou ganhavam a sua descarga. O Brasil era famoso por desertores “homeward-bound”, mestres que encorajavam os membros rebeldes da tripulação a abandonar o navio.

O porto do Rio de Janeiro está significativamente bem representado no Panorama de Russell Purrington. Entre as muitas facetas desta vista do porto encontra-se um navio de linha naval norte-americano ancorado no mesmo. O Esquadrão do Brasil (1826-1905) operava a partir do Rio de Janeiro, tendo como função proteger os navios americanos no Atlântico Sul, desempenhando um papel importante na supressão do comércio de africanos escravizados e trabalhando em conjunto com o Esquadrão de África no sentido de acabar com o comércio ilegal de escravos.

### Imagem superior e inferior:

Detalhe do Rio de Janeiro, Brasil por Caleb Purrington e Benjamin Russell Grande Panorama de uma Viagem de Baleeiro à volta do mundo, 1848.

### Centro:

Mapa português, conhecido como o Planisfério de Cantino, traçando a fronteira entre os territórios espanhol e português definidos no Tratado de Tordesilhas (7 de junho de 1494), c. 1502. Cortesia da Modena Biblioteca Estense.

### Centro esquerdo:

Detalhe de Infante D. Henrique, o Navegador, pintura atribuída a Nuno Gonçalves, no século XV. Cortesia do Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

### Centro direito:

1671 vista de John Ogilby de São Salvador / Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil, fundada pelos portugueses em 1549.





# Identidade, Percepção e Recepção

Os imigrantes lusófonos não foram tratados todos da mesma forma aquando da chegada aos EUA, tendo em conta quando os baleeiros cabo-verdianos e açorianos e respetivas famílias chegaram a terra. A recepção que estes dois grupos receberam foi diferente. Estas desigualdades persistiram por mais de dois séculos. No fim do século XIX, início do século XX, a forma como essas populações se auto identificavam espelhava-se na luta pelos Direitos Humanos pós-guerra Civil. Por exemplo, um imigrante cabo-verdiano poderia ter três diferentes nacionalidades ao longo da sua vida: primeiro enquanto cidadão português de Cabo Verde, depois quando naturalizado cidadão americano e por último enquanto cabo-verdiano após 1975. Sobreponha a luta pelos direitos civis nos EUA e poderá começar a apreciar as complexidades envolvidas na auto identidade e percepção.

New Bedford pode reivindicar um orgulhoso legado por ter sido e continuar a ser uma casa acolhedora para os imigrantes. Era do conhecimento geral que a cidade predominantemente Quaker defendia uma sociedade igualitária, tendo sido líder no movimento abolicionista. O baleeiro de Nova Inglaterra também era relativamente igualitário, especialmente quando comparado com outras indústrias suas contemporâneas. Particularmente na segunda metade do século XIX, a habilidade e experiência determinavam a posição e o salário, em detrimento da raça e da cor. O baleeiro era como uma meritocracia onde a habilidade para caçar uma baleia não era determinada pela cor da pele. Herman Melville enfatiza este ponto de vista em *Moby Dick* onde o narrador Ishmael (caucasiano) encontra-se situado num grau inferior a Daggoo (africano), Tashtego (nativo americano) e Queequeg (insular pacífico).

No século XIX a maioria dos imigrantes lusófonos eram brancos e católicos. Estas identidades raciais e religiosas definiam a forma como os imigrantes açorianos e cabo verdianos

eram tratados pela sociedade americana, de acordo com a percepção que tinham de si mesmos. Muitos fuzileiros navais cabo verdianos, identificados como portugueses num lado do oceano, eram vistos não pela etnia mas pela raça após a sua chegada aos Estados Unidos. Por outro lado, a assimilação dos fuzileiros navais açorianos nos Estados Unidos, que mantiveram uma forte ligação cultural com a sua terra ancestral e de fé católica, foi mais fácil e menos discriminatória.

Como os Quakers haviam desafiado as estruturas religiosas de New Bedford, nos séculos XVII e XVIII, açorianos e cabo verdianos católicos estabeleciam as suas próprias paróquias no século XIX, onde outrora existiam fortes enclaves protestantes, alterando a comunidade de New Bedford. Ao longo do século XX sucessivas ondas de migração em cadeia alteraram a evolução da estrutura demográfica da cidade.



## New Bedford: A Ellis Island Cabo Verdiana

O “Sonho Americano” foi descrito por James Truslow Adams em 1931, que acreditava que “a vida deveria ser melhor, mais rica e mais plena para todos, com oportunidades para cada um de acordo com a capacidade ou realização” independentemente da classe social e circunstância de nascimento.

A ligação histórica entre New Bedford Baleeira e as comunidades lusófonas abrangem uma ampla gama de questões sociais, sendo a lente ideal para explorar o “Sonho Americano”. Muitos luso-americanos traçam as suas raízes direta ou indiretamente nos tripulantes a bordo de navios baleeiros.

New Bedford no século XIX era o centro global de negócios baleeiros e a cidade mais rica per capita do país. A visão de negócio, inovações, criatividade e ingenuidade governaram durante o pico de caça à baleia, fazendo de New Bedford o “Silicone Valley” do seu tempo. A concentração de capital, recursos e facilidade de acesso aos mercados e indústria dominante coloca-a em primeiro lugar entre os seus pares. A ascensão e a queda do seu negócio de energia no século XIX - alimentando a sua maturidade e gradualmente substituída pelo boom no sector têxtil, deixou a sua marca sob a psique da cidade e sob a forma de uma nação jovem.

A expansão desta indústria para regiões distantes do mundo serviu de catalizador para a imigração. New Bedford tornou-se uma verdadeira Ellis Island Cabo Verdiana. Graças à sua localização geográfica no Atlântico, os açorianos e cabo verdianos estavam inclinados a olhar para o mar e para oeste na procura de oportunidades. Os capitães baleeiros reconheceram as suas habilidades e encorajaram-nos a juntarem-se à tripulação. Ao longo do tempo, amigos e familiares foram-nos seguindo. Seguiram-se padrões recorrentes à imigração, incluindo a vontade do reagrupamento familiar e os fortes laços de fraternidade e comunhão, bem como razões práticas, tais como o serviço militar, a vontade de se libertarem da repressão política ou simplesmente o desejo de procurar melhores oportunidades económicas.



Mais de 70% dos imigrantes cabo verdianos que chegaram aos EUA entre 1800 e 1921 entraram no país pelo porto de New Bedford.

**Imagem de fundo:**  
Vista do convés da Igreja de Albert Cook do *Wanderer* apresentando o capitão Antone T. Edwards e sua tripulação em 1922.

**Imagem central superior:**  
Aquarela de Arthur Moniz - regresso a casa de Charles W. Morgan para o porto de New Bedford em 2014. Cortesia do artista.

**Imagem do capitão:**  
recorte de jornal de 1917 e pintura de Linda L. Tillson's representando o capitão John Trofilo Gonsalves, baleeiro cabo verdiano.

**Imagens do passaporte:**  
compilação de três cartões de identificação de 1938 do cabo verdiano americano Joseph Andrade.



# Colmatar um Oceano

Entre meados e o fim do século XVIII as viagens baleeiras começaram a ir mais longe cruzando regularmente o largo das costas de África e da América do Sul. Os navios partiam com a sua equipa que os capitães esperavam completar com os habitantes das ilhas. Portos seguros, produtos frescos e populações indígenas com aptidões marítimas foram favorecidas. As rotas de imigração foram inevitavelmente estabelecidas como resultado direto de decisões calculadas. A tripulação era na sua totalidade composta por homens, pelo que os imigrantes foram afastados da família e dos entes queridos.



As tripulações açorianas e cabo verdianas podem recorrer a séculos de tradições marítimas. As suas habilidades eram tão respeitadas que nos anos 1860 compreendiam mais de 60% das tripulações baleeiras. Estavam muitas vezes dispostos a aceitar ações mais baixas dos lucros de uma viagem baleeira com o desejo de deixar as ilhas e construir novas casas nos EUA. Em meados de 1920 a maioria dos oficiais e arpoadores dos 13 restantes baleeiros de New Bedford provinham de Cabo Verde.

Para muitos, o facto de se alistarem a tripulações baleeiras era a melhor oportunidade para fugir da fome, seca, opressão e pobreza existente na terra natal. Outros saíram para escapar ao alistamento no exército real português que lutou periodicamente em guerras na Europa e nas colónias.

Na década de 1840 um número crescente de baleeiros açorianos juntou-se às tripulações dos navios de New Bedford e começaram a estabelecer-se na cidade. Os cabo verdianos começaram a chegar em número substancial após 1850. Uma parte significativa da população era descendente de colonos portugueses e negros africanos, pessoas escravizadas que falavam crioulo, um dialecto que envolve uma mistura de português com outras línguas africanas, remontando ao estabelecimento de Cabo Verde no século XV.



## Laços de Fraternidade e Companheirismo

Desde os anos 1800 até 1921, os imigrantes provenientes de Cabo Verde foram os primeiros descendentes africanos a viajar voluntariamente para a América.

Os padrões de imigração foram-se alterando ao longo do tempo. No fim do século XIX, início dos anos 1920, os portugueses provenientes da Madeira e de Portugal Continental juntaram-se a comunidades já estabelecidas nos Estados Unidos, atraídos pela indústria têxtil emergente, dominante em Fall River e New Bedford.

Com o advento do Packet Trade, grandes populações de diferentes grupos de ilhas, incluindo mulheres e crianças, começaram a viajar para os EUA, contudo, as alterações nas leis da imigração em 1920 reduziram-na consideravelmente.

Em certos casos, os desastres naturais foram o catalizador para a emigração. Após a desastrosa erupção Monte Fogo em 1847, milhares de açorianos optaram por imigrar para os EUA depois das devastadoras erupções vulcânicas de Capelinhos na ilha do Faial (uma das 9 ilhas do arquipélago dos Açores). Os Senadores John Pastore de Rhode Island e John F. Kennedy de Massachusetts co-patrocinaram um projecto de lei, assinado pelo vice-presidente Richard Nixon, dando origem ao Act for the Relief of Distressed Aliens que defendia "que por causa da calamidade natural dos Açores... as populações estão em necessidade urgente de assistência para o essencial da vida". A erupção do vulcão dos Capelinhos culminou com uma onda de imigração portuguesa que reuniu mais de 175.000 açorianos nos EUA entre 1969 e 1980.

Após Cabo Verde alcançar a sua independência em 1975, os padrões de imigração mudaram novamente com os recém-chegados vindos de diferentes ilhas e em maior número.

A imigração para os EUA proveniente do Brasil é igualmente segmentada. As evidências sugerem que, de acordo com registos genealógicos, o padrão de imigração do Velho País para o Brasil e deste para os EUA continue pelos próximos 200 anos. A emigração sofreu um aumento durante as Guerras Coloniais Portuguesas em África (1961-1974) e após 1975 devido à onda de movimentos de independência que alteraram a fisionomia política dos antigos protetorados portugueses. Estes lutaram pela soberania, originando um voo de deportados para o Brasil e deste para os EUA. A imigração ilegal de larga escala ocorreu entre 1980 e 1990 como resultado do mal estar económico que se fazia sentir no Brasil.



Depois de se juntarem às tripulações dos navios de New Bedford, muitos baleeiros estabeleceram-se na cidade e reuniram-se posteriormente com os seus amigos e familiares.

Imagem de fundo: Cabo Verdianos a apanhar mitilhos. Nat Sowles Bog na Estação de Braley em 1916.

Imagem da esquerda: Pintura de Charles Sidney Raleigh representando o regresso à pátria de Verónica, vindo dos Açores.

Imagem superior: Retrato de família do primeiro marinheiro Jose Gomes, sua esposa Carlotta e filhas no convés do *Wanderer*. Fotografia de William H. Tripp, 1923.

Imagem da esquerda: Fotografia de Clifford W. Ashley, onde estão representados Marinheiros a bordo do *Sunbeam* em 1904. O balceiro fez frequentes paragens em Cabo Verde.

Imagem da direita: Erupção dos Capelinhos na Ilha do Faial, Açores, 1937-1938. Cortesia do Centro de Interpretação dos Capelinhos, Coleção do Dr. Luis Decq Mota.



# Baleeiros Comerciais e Inovação Yankee



Os Europeus procuravam caçar baleias para fins comerciais, particularmente para a produção de óleo de baleia. Os bascos, entre os primeiros europeus a caçar baleia, estavam envolvidos nesta indústria por mais de 1000 anos. Empresas holandesas e inglesas começaram nos anos 1600 a empregar bascos e a adotar os seus métodos de caça quando eles estabeleceram a pesca comercial de baleias no Atlântico Norte. Da mesma forma, colonos na britânica América do Norte em meados dos anos 1600 tiravam partido da sua proximidade das rotas de migração costeira de baleias, de modo a caçá-las, e assim começou a história dos baleeiros americanos. Como os baleeiros nativos de subsistência, a caça à baleia permaneceu perto da costa, onde os enormes animais poderiam ser rebocados e processados em terra.



Inicialmente ativos em grande parte do Atlântico Norte e no Leste do Ártico, no final do século XVIII os baleeiros comerciais começaram a caçar cachalotes ao largo da costa oeste da América do Sul. Nos anos 1820 a costa do Japão, o Pacífico Central e a Austrália estavam a ser exploradas. A caça à baleia começou na costa noroeste da América do Norte em 1830 e em 1840 as baleias eram perseguidas nos mares da Rússia e na costa do Alasca. A caça à baleia tornou-se assim numa indústria global

Processar uma baleia era um passo necessário para os baleeiros comerciais. Depois de morta, a baleia era rebocada de volta à costa para ser cortada e fervida. De seguida era esartejada, sendo puxada a gordura da carcaça para dividir por panelas de ferro aquecidas em terra. Em 1750, os baleeiros americanos quebraram o vínculo que limitava a caça perto da costa. Agora livre da costa, longas viagens eram possíveis. A maior parte dos baleeiros comerciais adotaram o novo método, mas algumas culturas mantiveram a caça costeira.

No método Yankee (proveniente de Nova Inglaterra) maioritariamente adotado, as baleias eram avistadas no oceano pelo mastro do barco, estes eram baixos e assim começava a caça. Quando um barco estava perto do enorme animal, arpões de mão eram atirados às baleias, de seguida atava-se a baleia ao baleeiro, enquanto o animal tentava fugir.

O ritual continuava enquanto o baleeiro seguia a uma velocidade perigosa através das ondas, puxado por uma baleia furiosa e ferida. A angústia terminava quando a tripulação parava o barco ao lado da baleia e com golpes de lança de ferro afiada, desferia o golpe mortal.

As baleias eram trazidas para o lado do navio para serem esartejadas. Durante o processamento, os homens caminhavam de forma insegura ao longo de tábuas de madeira, onde se encontrava morta a baleia, havendo tubarões a nadar nas proximidades.

“Morte aos vivos, longa vida aos assassinos, sucesso às esposas dos marinheiros e sorte gordurosa para os baleeiros”

— Frederick Myrick, *American Scrimshander*, 1828-29



Imagem de fundo:  
John Wilson Carmichael. A frota baleeira  
Newcastle no Ártico, meados de 1835.

Imagem superior esquerda:  
Benjamin Russell, Cachalote  
No. 1.—A Perseguição, 1859.

Imagem inferior esquerda:  
Nathaniel Currier e James Merritt Ives,  
A Pesca da Baleia. Atacar um Baleia - e  
"cortá-la" 1857.



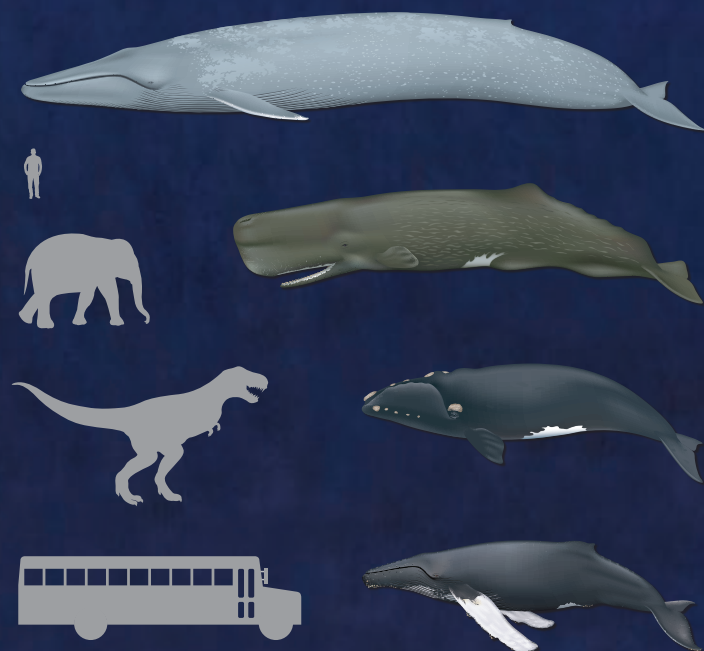
# O Caminho para a Preservação

Recentemente, o Brasil, Portugal e os EUA adotaram a observação e conservação das baleias. Os fundamentos culturais e mudanças de atitude, a caça à baleia e a própria percepção da baleia nas comunidades lusófonas, nos EUA e no exterior têm evoluído. Inicialmente a baleia era percebida como fonte de sobrevivência e poder simbólico, assim como meio de exploração comercial para a geração de riqueza. Atualmente, as leis e regulamentos definem estritamente a interação humana com os mamíferos marinhos. A pesquisa líder na investigação científica e os métodos contemporâneos de observação e estudo emanam de muitos dos antigos portos baleeiros.



Os EUA, o Brasil e Portugal são os atuais líderes mundiais em pesquisa científica de mamíferos marinhos e práticas regulamentares para a proteção e reconstrução das populações. Também a mudança econômica da caça à baleia para o eco turismo de observação de baleias tem provado ser altamente lucrativa.

Ao mesmo tempo, no Porto de New Bedford, a partir do qual o último baleeiro navegou sob o comando do Capitão americano açoriano Antone Edwards, a indústria de energia eólica está a amadurecer um século depois. O vento que impulsionou estes navios está a ser agora aproveitado como fonte de energia alternativa e, mais uma vez, New Bedford pode recuperar o título de cidade que ilumina o mundo!



Ironicamente, para os milhões de baleias mortas e dezenas de milhões de dólares ganhos nos séculos XIX e XX, hoje a observação de baleias é uma indústria global que gera biliões de dólares, encontrando-se Portugal, o Brasil e os EUA na liderança.

Imagem de fundo:  
Richard Ellis, Estudo da Baleia Azul para Mural, 2000.

Imagem superior esquerda:  
Os mares a bater no casco do *Wanderer* e nas rochas em Cuttyhunk a 16 de agosto de 1924, fotografia de Albert Cozzinhe Church.

Imagem inferior esquerda:  
Comparação de tamanho de diferentes espécies de baleias.  
Ilustrações de Uko Gorter.